

O Manguinho

NÚMERO 37 - 28 DE ABRIL DE 2022

INFORMATIVO SEMANAL DA COMUNIDADE DE PRÁTICAS INTERSETORIAL MANGUINHOS | SAÚDE, EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL



Você pode acessar na íntegra o relatório "Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia" clicando sobre esta imagem.

Trabalho e saúde em Manguinhos



Nesse terceiro episódio da série especial que retoma os temas discutidos e **as falas feitas na III Conferência Livre de Saúde de Manguinhos**, a gente pergunta: **Como a precarização do trabalho, o desemprego, a falta de oportunidades e a retirada de direitos trabalhistas afetam a saúde nesse território?** O Manguinho também nessa edição lembra que em primeiro de maio é comemorado o Dia Internacional dos Trabalhadores, uma data que simboliza a luta das trabalhadoras e trabalhadores do mundo inteiro por direitos trabalhistas, melhores condições de trabalho e uma vida digna.

Trabalho: um direito social

Para começar essa nossa conversa, a gente recorre à fala do Luiz Soares, que é Assistente Social, conselheiro comunitário e colaborador na creche SICAM em Man-

guinghos. Ele nos lembra que o trabalho é um direito social garantido na Constituição Federal do nosso país, assim como a educação, a saúde e a moradia. Para o Luiz, trabalho e saúde estão muito ligados:

“Quando você perde o emprego... onde você ocupava a sua cabeça, onde uma vez por mês ou quinzenalmente você levaria o sustento da sua família. Você imagina o que é viver num trabalho que você não sabe se amanhã você está contratado ali ainda, porque vai ocorrer um corte por ordem maior e vai precisar remover tantos da sua equipe. O trabalho não pode sair bom, a sua vida não pode estar boa e sua saúde mental também não pode estar boa. Uma coisa não combina com a outra.”

O trabalho feminino

Para a Eleutéria Amora, que

é professora de história, fundadora e coordenadora geral da Casa da Mulher Trabalhadora (CAMTRA), ao falar do mundo do trabalho é preciso sempre lembrar a situação da mulher negra, que tem ocupado funções de menor prestígio social e por isso tende a ganhar menos:

“Não posso deixar de falar de uma outra questão que atravessa [esse tema], que é ser mulher, mulher negra, porque isso vai dar o lugar do trabalho. Qual é o trabalho que ela vai ter? Vamos lá: emprego doméstico! É onde estão a maioria das mulheres negras. Ah, o emprego doméstico é um trabalho como qualquer outro. É sim, é um trabalho honrado sim. Mas se ele tivesse tido uma outra opção, ela estaria trabalhando como empregada doméstica? É só perguntar para aquela trabalhadora doméstica se hoje ela quer que a filha, que a neta, continue sendo empregada doméstica. Ela quer que tenha oportunidades, que vá fazer uma faculdade, que estude, que não fique a mercê do desejo individual de cada pessoa. Mas é um emprego, um trabalho, como um outro qualquer. Tem que ter direito a carteira assinada, tem que ter direito a FGTS, tem que ter seus direitos garantidos.”

A Eleutéria pergunta porque aquele trabalho feito pela dona de casa e pela mãe, nunca é reconhecido como trabalho. A Eliene Maria Vieira, da Frente Estadual pelo Desencarceramento, moradora de Manguinhos, concorda com ela e disse o seguinte sobre esse questionamento:

“A gente tem essa cultura, infelizmente, de dizer que a dona de casa não faz nada, mas na verdade ela faz tudo. (...) Na verdade a dona de casa é uma junção de todas as profissões, ela é a médica, é a psicóloga, aquela que bota o remédio quando a criança está machucada, que dá a medicação quando está com febre. A mulher de casa tem essa capacidade de gerir todas as profissões em uma só. Ser dona de casa é tudo isso e mais alguma coisa.”

O fim dos direitos?

Para André Lima, historiador, morador de Manguinhos e membro do Conselho Gestor Intersetorial de Manguinhos (CGI), ao longo das últimas décadas os trabalhadores vem perdendo direitos:

“Mas o fato é que desde os anos 90 para cá há um processo quase que planejado, por assim dizer, no submundo, de desmontar os direitos sociais, políticos e civis garantidos na Constituição de 88. Esse desmonte, especialmente nas relações de trabalho, tem aumentado ainda mais a precarização, né? (...) Hoje o indivíduo no seu celular faz entregas não sei quantas por dia para ter um rendimento mínimo e vem sofrendo. Muitas das vezes ele acha que não está desempregado, acha que é empreendedor, inclusive. Essa talvez seja a grande face cruel desse processo.”

Quer dar a sua opinião sobre esse tema? Participe do nosso grupo de WhatsApp [clique aqui](#).



Comunidade de Práticas Intersetorial Manguinhos [clique aqui para fazer parte.](#)

Acesse todas edições do O Manguinho [clique aqui.](#)

Este informativo é financiado com recursos públicos: FIOCRUZ e Emenda Parlamentar Nº 202041600014

Rádio Povo: para escutar O Manguinho [clique aqui.](#)

Projeto: Desenvolvimento de Tecnologias Sociais para o Enfrentamento à Violência(s) em Territórios Vulnerabilizados